



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ALEXANDRA BEGNA BANDEIRA LIMA

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

CAJAZEIRAS - PB

2007

ALEXANDRA BEGNA BANDEIRA LIMA

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Antônia Lis de Maria Martins Torres.

CAJAZEIRAS - PB

2007



L732e Lima, Alexsandra Begna Bandeira.
Educação sexual na escola / Alexsandra Begna Bandeira
Lima.- Cajazeiras, 2007.
34f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Família. 4.
Escola. I. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:613.88

ALEXSANDRA BEGNA BANDEIRA DE LIMA

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Curso de Pedagogia

Com habilitação em Magistério

Data de aprovação: _____ de _____ de 20_____

Prof^ª. Antônia Lis de Maria Martins:

(professora orientadora)

AGRADECIMENTOS

A Deus – minha fortaleza e fonte de inspiração

A minha família – meu ponto de partida e de chegada.

Aos meus professores – que compartilharam comigo seus conhecimentos e me deram subsídios para realizar esse trabalho.

Aos meus amigos – que me apoiaram nos momentos difíceis.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram e me ajudaram a chegar aqui.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

"A educação Sexual começa no útero da mãe e só termina com a morte. É um processo ininterrupto, e é através dele que vamos formando a nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que ficaram superadas dentro de nós e, ao mesmo tempo, transformando nosso pensamento". (Suplicy, 1993, p.p 22-23)

RESUMO

Este trabalho centra-se no desejo de apontar uma visão mais clara e realista de determinados problemas enfrentados na vida do ser humano, principalmente na fase da adolescência para o exercício pleno da sexualidade. Argumenta-se que a sexualidade perpassa a vida toda; do nascimento à morte, trilhando o caminho da auto-afirmação, da formação da personalidade. O ventre materno, que guarda o novo ser, é o lugar onde pode iniciar-se a construção do mundo novo que, através de ruptura, gemidos e novos gritos de liberdade, começa a enfrentar o mundo, a vivenciar a sexualidade e, na passagem de cada etapa de sua vida, firmar-se em todo seu vigor psico-afetivo, material, educativo e espiritual. De fato, cabe à família o dever de criar e educar integralmente os filhos, respeitando-os na sua totalidade como ser humano. Os filhos precisam ser amados e amar significa também dar limites, portanto é importante que os pais sejam coerentes e firmes nos limites que impõem aos seus filhos e saibam dialogar quando questionados. Agindo dessa maneira, estão formando filhos confiantes por perceberem que seus pais são pessoas seguras e protetoras. Nos momentos de perdas e fracassos, os pais devem ajudar os filhos a serem fortes, a vivenciarem, da melhor forma possível, os sentimentos decorrentes das frustrações e assumirem a responsabilidade por seus fracassos. A vida moderna faz com que as pessoas percam sua identidade, surgindo um enorme vazio, por isso, é muito importante que os pais dialoguem com seus filhos, orientando-os e contribuindo para a educação da sexualidade. Por outro lado, a escola precisa assumir com mais seriedade, o trabalho de educação sexual, pelo diálogo com os jovens, para que estes assumam um posicionamento próprio e contribuam para uma sexualidade consciente e desenvolvida. A partir de valores éticos e humanos. Só assim, o jovem terá a possibilidade de desenvolver-se como pessoa madura, segura, e sexualmente bem resolvida.

Palavras-chave: sexualidade, ser humano, família, escola.

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I

1- Por que pensar a Educação Sexual? 10

1.1- Vamos refletir a Educação Sexual 10

CAPÍTULO II

2- Como se dá a Educação Sexual? 14

2.1- Formas de Educação Sexual 14

2.2- A Contribuição da Família, da Escola e dos meios de comunicação
na Educação Sexual das crianças 16

CAPÍTULO III

3- Lições sobre Sexualidade 19

3.1- Valor e Importância da Sexualidade 19

3.2- Sexualidade e Genitalidade 20

CAPÍTULO IV

4- A Escola e a Educação Sexual 24

4.1- Vivências de uma Experiência de Trabalho sobre Sexualidade
em sala de aula 24

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXO	32

INTRODUÇÃO

Se nos perguntarmos o que é sexualidade, provavelmente saberemos muito pouco responder. Nosso desconhecimento, e, portanto, nossas dúvidas sobre este assunto, são muitas. Mesmo sendo algo tão nosso, não está muito claro ainda causando uma contradição por não conhecermos uma coisa tão intimamente nossa.

Esse desconhecimento a respeito da sexualidade não faz bem para ninguém, e principalmente aos adolescentes e jovens que estão formando sua personalidade e buscando sua identidade no mundo em que vivem, e que, diga-se de passagem, exhibe o sexo de várias formas, distorcendo às vezes o sentido da sexualidade.

Nos últimos tempos, percebe-se cada vez mais a necessidade de inclusão da temática da sexualidade no âmbito escolar, por ser considerada de fundamental importância na formação global do indivíduo. Entretanto, reconhecermos, essa temática constitui-se num grande desafio a ser enfrentado por grande parte dos professores que lidam cotidianamente com situações relacionadas à sexualidade. Todavia, sabe-se que quando um tema é exposto de forma adequada, possibilita elementos preciosos para a tão desejada melhoria educacional, bem como a melhoria do modo de vida de nossos educandos.

Pensando nisso, a inclusão da disciplina Educação Sexual nos currículos escolares, seria de grande importância e ajuda no processo de esclarecimento de dúvidas e, portanto, de conscientização de adolescentes e jovens a respeito de sua própria sexualidade. Porém, a maioria dos professores não estão preparados para esse desafio e se restringem apenas às informações de fisiologia e anatomia do corpo e do mecanismo da reprodução, inibindo fatores como afetividade, cultura e sociedade, que são questões muito significativas no processo de desenvolvimento da sexualidade de cada indivíduo. Dessa forma, o número de perguntas não feitas e, portanto, nunca esclarecidas, apenas cresce e por isso, muitos adolescentes e jovens são vítimas de informações incorretas sobre sua própria sexualidade.

A preocupação em incluir a temática da sexualidade na escola tem se intensificado nos últimos anos. Como a escola é um veículo de informações muito importante e atende a uma grande demanda de pessoas, através dela torna-se mais fácil desenvolver a criatividade e reflexão dos educandos, bem como o acesso às informações corretas sobre a sexualidade, ampliando a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção de problemas como doenças sexualmente transmissíveis, abuso sexual e gravidez indesejada. Na busca em desenvolver o prazer pelo conhecimento sobre a sexualidade, esta pode ser compreendida como algo que faz bem a nossa vida, saúde, prazer e bem estar.

Desse modo é necessário que os jovens e adolescentes recebam uma educação baseada na informação, mostrando-lhe as várias formas de comportamentos e valores sobre a sexualidade para que possam desenvolver-se intelectualmente sem temores e sem angústias e se aceitando como seres humanos normais.

Assim, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos:

1. Por que pensar a Educação Sexual?

1.1 Vamos refletir a Educação Sexual?

2. Como se dá a Educação Sexual?

2.1. Formas de Educação Sexual?

2.2. A contribuição da Família, da escola dos meios de comunicações na educação Sexual das Crianças.

3. Lições sobre a sexualidade.

3.1. Valor e importância da Sexualidade.

3.2. Sexualidade e Genitalidade.

4. A Escola e a Educação Sexual!

4.1. Vivências de uma experiência de trabalho sobre a sexualidade em sala de aula.

CAPÍTULO I

1. Por que pensar a Educação Sexual?

1.1 Vamos refletir a Educação sexual.

Educação é um processo que visa desenvolver todas as capacidades do ser humano e despertar a consciência de acordo com a época e cultura em que vive. Provoca mudanças, descobertas e escolhas do que se quer saber, para posteriormente, poder pensar e agir. A educação capacita a pessoa para obter informações, para saber reorganizar ou modificar seu comportamento e reformular suas idéias, a fim de que se adapte às exigências da sociedade na qual está inserido.

A pessoa é o sujeito da educação e não o seu objeto. Será mobilizada em todos os aspectos: intelectual, moral, social, psicológico, emocional, objetivo e espiritual além da saúde e higiene. A educação sozinha não atinge somente um desses aspectos, visto que o ser humano é um todo e, ao se desenvolver um determinado aspecto, necessariamente os outros, também, irão ser envolvidos (Nunes, 2000 p.83).

Partindo dessas premissas, de que a sexualidade é uma das dimensões fundamentais da condição humana e que, pela própria importância, influi em todos os demais aspectos psico-sociais da criança é que podemos formular um projeto de educação sexual.

Neste sentido, consideramos, a educação enquanto um processo global, dinâmico, contínuo, permanente e esperançoso, por que permite ao sujeito sair de si mesmo, trocar idéias, libertar-se, comunicar-se e crescer, adaptando-se à sociedade em que vive. Leva-o a agir, com consciência, diante das novas situações da vida e aproveitar a experiência anterior para direcionar sua maturidade a um contínuo progresso e uma integração maior dentro da sua realidade.

Desta forma, educar é favorecer o desenvolvimento de um espírito verídico, que impeça a aceitação passiva dos fatos, mas que direcione a informações e conhecimentos adquiridos em prol do bem comum.

A educação sexual é um dos aspectos da educação geral. A criança e o adolescente, de acordo com sua cultura, armazenam informações e reproduzem atitudes e comportamentos para assumir um papel sexual, masculino ou feminino. Sua personalidade, assim, terá uma formação integral e sua sexualidade estará presente, junto aos demais aspectos constituintes do seu ser. (César Nunes, 2000 p.83).

Hoje, mais do que nunca, há necessidade de uma educação sexual revolucionária. Tanto para fazer a crítica dos modelos tradicionais, impostos pela educação formal, como para poder fazer frente a industrialização, consumo e objetualização do sexo e do corpo, presentes na cultura consumista e sexista atual.

Educar sexualmente significa desencadear um processo que possibilite à criança assumir atitudes sadias perante a sexualidade, com liberdade, afeto e responsabilidade, para que possa discernir e optar pela vida que deseja levar conscientemente. É um processo lento, mas progressivo, e que integra o indivíduo na vida social, contribuindo para que homens e mulheres aprendam a viver harmoniosamente, com saúde e dignidade.

Uma educação sexual adequada dá condições para que a criança e o jovem assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, sem medo, sem culpa, sem preconceitos, vergonha, bloqueios ou tabus. Liberta-os das angústias e da dúvida, com base na compreensão de que desejo/prazer é saudável e normal; de que não deve ser reprimido, mas orientado, de forma positiva, para o amor criativo e responsável. Desse modo, (César Nunes, 200. p.65).

A educação sexual cidadã deve colaborar prestando esclarecimentos, revendo a ética atual das posturas em relação a vivência e a significação da sexualidade, formando elementos multiplicadores para o combate a resistência à repressão e à violência sexual em geral.

Essa educação possibilita o desenvolvimento normal da criança de modo que ela possa assumir-se como homem ou mulher, aceitando sua própria sexualidade e convivendo

bem com ela. Favorece, também o seu crescimento interior e exterior, cultivando o respeito pela sexualidade do outro, a responsabilidade pelos próprios atos e direitos de sentir prazer de emocionar-se, rir ou chorar; enfim, de viver de forma sadia. É um processo contínuo que tem início no nascimento do ser humano e até antes, já que a primeira coisa a ser mencionada é a sua característica sexual: "É um menino! É uma menina!".

Ao nascer, a criança recebe um nome, dependendo do sexo, e os pais tem planos de vida para ela e para si próprios, em função desse nascimento. E, a partir desse momento, sua educação já teve início, pois ela está sendo identificada como homem ou como mulher e assim será orientada para desenvolver sua sexualidade.

Com uma educação sexual adequada, a criança terá suporte na formação de sua identidade, o que irá ajudá-la a afirmar seu papel sexual, a compreender o próprio amadurecimento e preparar sua inserção na vida. Esta educação estará relacionada ao desenvolvimento de sua personalidade e à formação de atitudes e comportamento adequados ao meio em que ela vive. É uma educação para a maturidade.

A educação sexual deve estar continuamente adequada as necessidades dos jovens que vivem num mundo em constante mudança. Por isto é informal e contínua: todos se educam e se reeducam continuamente, isto é, as pessoas estão sempre se analisando e se avaliando, sempre escolhendo uma forma harmoniosa de viver, sempre decidindo a sua conduta, sempre buscando o prazer e um jeito responsável de amar conscientemente. Todos estão sujeitos ao processo de educação sexual em qualquer faixa etária e em qualquer lugar. Faz-se necessário elaborar uma opinião pessoal sobre o que vemos ou ouvimos, pois vivemos em um mundo erotizado, e a educação deve ser dinâmica, constante, mutante e sempre presente. (Albino Aresi, 1975, p.125).

O sexo é parte integrante do corpo humano e, como tal, merece cuidados especiais na educação do homem total. A área sexual é a pedra de toque na adolescência e da juventude; é ela a responsável pelos maiores problemas e desequilíbrios, quando negligenciada ou mal-orientada.

Antigamente, sexo era tabu, envolto em mistério. Hoje, procura-se desvendá-lo completamente, tirando-lhe aquele algo de íntimo e digno de respeito, aquele clima de sacralidade que deve rodeá-lo. Os educadores devem equilibrar-se entre essas duas correntes, dando ao sexo o lugar que lhe compete na globalidade da vida humana.

Necessário se faz esclarecer à criança e ao jovem sobre a finalidade e natureza do sexo, e da relação que existe entre sexo e amor e entre sexo e vida, para que alcancem desenvolvimento pleno da virilidade e da feminilidade, pré-requisitos indispensáveis à preparação de homens e mulheres, capazes de serem sexualmente felizes. A sexualidade requer muita delicadeza e muito cuidado.

A educação sexual para ser completa precisa considerar e desenvolver as diversas áreas do ser humano:

- Física - o bem estar físico depende da formação e desenvolvimento de bons hábitos de higiene, sanidade, nutrição e autocontrole, valorizando o corpo e dando-lhe dignidade.
- Religiosa - Fornece uma visão filial do ser humano em relação ao seu criador, pois nada existe por si só, e se quisermos subtrair o criador do campo da educação, estaremos negando ao homem sua dependência de Deus.
- Moral - Trata dos atos humanos em relação ao fim último e transcendente do homem, colocando a ética e os valores dentro da vida.
- Social - Proporciona a integração na sociedade, pois o homem é um ser social, e como tal, deve viver em grupo, ter relações com a comunidade, e compromisso com a liberdade.
- Afetiva - Opera-se por meio das relações pessoais equilibrando o emocional com base no amor.
- Intelectual - Cultiva e desenvolve a inteligência, a única capaz de conhecer a verdade, trazendo ao ser humano a compreensão racional da vida.

Somente com a educação integral, o homem terá felicidade e equilíbrio que lhe proporcionarão paz com amor, saúde com felicidade, e vida com segurança.

CAPÍTULO I

2. Como se dá a Educação Sexual?

2.1 Formas de Educação Sexual.

Conforme já foi colocado, começamos a receber a educação sexual desde que nascemos, seja pelo nome que recebemos, pelo modo que nos vestem, como nos tratam e nos presenteiam. Com o crescimento, vamos percebendo esses códigos e passamos a assimilá-los de forma indireta, como informação não-verbal.

A informação não-verbal acontece sem o uso da palavra, sem precisar dizer nada, pois ela é fruto da observação da própria criança. Faz parte de um conjunto de códigos que ela capta como parte de seu processo educativo. Ajuda na definição do papel sexual do homem ou da mulher e prepara o diálogo, mas é insuficiente por si.

A informação verbal é aquela em que a palavra aparece, seja por parte da criança, dos pais ou educadores. A criança verbaliza sua pergunta quase sempre depois de pensar muito, de observar e, ainda, por não conseguir uma conclusão sozinha ou mesmo para conferir suas conclusões pessoais.

As respostas dos adultos, no entanto, devem ser simples, claras, verdadeiras e compatíveis com a criança. É preciso falar pouco, pois se ele desejar maiores explicações, sobre que o diálogo já está iniciado, e que sempre vai ser um canal de comunicação aberto para esse assunto (Nunes, 2000, p.76)..

A curiosidade das crianças, não satisfeita pela educação doméstica e estimulada por uma mentalidade permissiva objetual, presente em nossa sociedade, transforma-se em um comportamento ansioso e inseguro, mesclado de medo, exibicionismo repressão.

A criança tem o direito de saber e, se ela encontrar as respostas em casa terá o consentimento desse saber. O papel dos pais nesta questão é muito profundo. Sexo é assunto íntimo, pessoal, reservado, e as pessoas mais próximas dos filhos são, justamente, o pai e a mãe. Quando esses se omitem, os filhos sentem sua falta e, muitas

vezes, perdem a confiança neles indo aprender na rua o que, conseqüentemente, irá afetar todas as outras áreas da personalidade.

A informação não-verbal e a informação verbal familiar fazem parte do que se chama de "Educação Sexual Formal". A educação sexual formal é sistemática, tem o planejamento de conteúdos programados e realizados por meio de aulas, palestras, discussões, estudos, vídeos, dramatizações, além de outros recursos didáticos e faz parte dos temas transversais, previstos nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) em que recebe a denominação de Orientação Sexual.

A informação verbal na família ou na escola deverá vir cercada do bom senso e de clareza compatível com o nível de desenvolvimento da criança e do jovem. Também a discussão de valores morais deverá acompanhar os esclarecimentos científicos, pois esta é a "formação" que possibilita ao educador saber o que fazer com a informação obtida, saber decidir sobre o uso desse conhecimento, escolher o seu caminho e manter sua dignidade.

Além disso, é preciso ter claro o conceito de formação e informação: formar é despertar, na criança e no jovem, a força interior que os torna capazes de lutar e conquistar o equilíbrio, que os faz enfrentar as derrotas e as vitórias para se tornarem adultos equilibrados, responsáveis e principalmente, livres, mesmo em tempos em que os valores morais têm pouco sentido. A formação depende das informações, dos conteúdos verbais trocados entre educandos e educadores. O educador, na medida que responde às perguntas científicas, provoca uma reflexão sobre comportamentos, metas de vida, opiniões pessoais, levando o educando a criar um ponto de vista próprio sobre o tema em questão.

Na verdade, informar formando é o ideal: constitui a forma mais eficiente de educação sexual e, certamente, provocará comportamentos pessoais seguros e discussões conscientes. (Içami Tiba, 1994, p. 113).

"Portanto, preparar professores, atualizar conhecimentos e manter contato próximo com os pais é indispensável para que a escola cumpra o seu papel na sexualidade das adolescentes. Pois jovens

menos ansiosos e mais felizes certamente terão um desempenho melhor em qualquer aspecto da vida”.

2.2 A contribuição da Família, da Escola e dos Meios de Comunicações na Educação Sexual das Crianças.

Os primeiros educadores sexuais são os pais e, junto deles, a criança desenvolverá uma personalidade masculina ou feminina e uma modelagem interior que possibilite a formação de uma identidade sexual adulta, equilibrada e feliz. Os pais são os modelos da conduta que mais ensinam de modo não-verbal, ou seja, através de suas atitudes, eles informam o que é ser homem ou mulher, pai ou mãe, marido ou esposa. No cotidiano, os filhos os perceberão carinhosos, alegres, tristes ou distantes e assim vão construindo expectativas pessoais em relação à sua futura família.

Além de serem modelos para a criança, os pais são encarregados de responder as perguntas iniciais sobre a sexualidade. Alguns o fazem muito bem, enquanto outros se omitem, achando que a criança é muito nova para receber determinadas informações. Há pais que têm dificuldades pessoais para responder às indagações e se inibem ao falar em sexualidade. (Tiba, 1994, p.27)

“Os pais precisam assumir o controle da educação sexual. É a educação sexual não tem começo, meio e fim. É um processo constante, é a transmissão do como somos. Isso compete aos pais”.

Diante dos questionamentos dos filhos, é preciso ter muita calma e falar-lhes numa linguagem direta, compreensível. A educação sexual exige muito amor e compreensão dos pais. Tratar-se de um processo que acompanha todo o desenvolvimento da criança. A maneira como um pai beija ou não a esposa e a forma como ela reage já se considera o início da educação sexual.

Os pais, hoje, precisam reavaliar sua “formação”, por que o mundo mudou, evoluiu. A família, atualmente é responsável pela maturidade sexual dos filhos e pela identificação de seus papéis sociais.

No campo da orientação sexual, é importante a presença de professores que influam, de forma positiva, na construção interior de crianças e adolescentes, pois eles também são modelos de comportamentos masculinos e femininos, além de apresentarem a autoridade o saber.

Os professores das séries iniciais do ensino fundamental têm grande influência junto à criança e muitos deles se transformam em verdadeiros ídolos para ela. Quando isso ocorre, sua responsabilidade educacional aumenta, uma vez que a criança passa boa parte de sua vida na escola. (Tiba, 1994, p.108).

“O conteúdo da educação sexual ainda está nas mãos do professor. Isso faz com que a linha pedagógica dependa muito da própria formação pessoal do professor, que pode transmitir seus próprios conceitos ou preconceitos”.

Indiferentemente da postura assumida, esses profissionais deixarão suas marcas como agentes socializantes, educadores gerais e sexuais. Se tiverem uma atitude de repressão, não permitindo que o aluno questione, levante conflitos e críticas, irão desenvolver neles a palavra de obediência passiva.

Nas escolas, normalmente, há predominância de mulheres no corpo docente: falta então, a presença do modelo masculino, do educador, e com isso, os meninos têm desvantagem. Todo professor desempenha importante papel na educação sexual de seus alunos, mas, infelizmente, nem todos sabem disso.

Os amigos têm uma influência especial na educação sexual do ser humano. Desde pequenas, as crianças ^{vivem} “de médico”, pai, mãe, professora e assim participam, juntas, dos papéis sexuais que vão desempenhar no futuro. Os amigos maiores, adolescentes e jovens em geral, trocam confidências e conceitos sobre sexo, geralmente no ambiente escolar.

Vale ressaltar que, quando os pais ou professores não estão cumprindo seu papel de educadores sexuais, os amigos e seus conceitos podem se tornar mais importantes que as informações de casa ou da escola.

Os membros da família também têm participação importante na educação sexual da criança. Todos servem de parâmetro comparativo de atitudes do que é ser homem ou mulher, e de fonte de informação respeitada pelo mais novo.

A criança costuma ouvir conversas no seio familiar- uma gravidez, o namoro do primo, do irmão e vai perceber a malícia das piadas que circulam naquele espaço. Alguns meninos podem até receber informações e orientações especiais de primos ou de outros que os levam ao início de uma vida sexual despreparada, só para garantir o status de homem (ser macho), ou ainda abre caminhos de acesso à revistas eróticas e pornográficas.

Reconhecemos ainda que os meios de comunicação têm grande influência nesse tipo de educação, seja jornal, revista, rádio, televisão, vídeo, dvd ou internet. O mundo evolui e, direta ou indiretamente, as crianças têm acesso a todos esses meios e os manuseiam com maior facilidade que os próprios pais. Diante dessa realidade, cabe aos pais assistirem aos programas junto com os filhos e incentivar o espírito crítico diante de novelas, propagandas, filmes, jornais e outros, para que elas não se deixem levar pelo consumismo e na ideia do descartável, o que representa, para a sexualidade, um ponto negativo, pois, influenciadas por esse tipo de informação, os filhos não poderão aprender que as relações afetivas são processos de construção, e ainda poderão tender a descartar seus parceiros na primeira dificuldade.

É preciso preparar o jovem para que seja eleitor consciente a ponto de votar em pessoas dignas, pois são os políticos que fazem e administram as leis vigentes do país, e muitas delas estão relacionadas às questões sexuais: aborto, abuso sexual, divórcio, doenças sexualmente transmissíveis, licença maternidade e outros. Não podemos ignorar que a política tem influência na Educação Sexual.

Há quem diga que a religião reprime ou bloqueia o impulso sexual, mas para outros ela é conciliadora. De alguma forma, todos se preocupam com a sexualidade humana. A formação e a orientação de grupos de jovens e casais sempre visam a valorização da família.

CAPÍTULO III

3. Lições sexualidade

3.1 Valor e importância da sexualidade

O ser humano é um ser sexuado, e esta sexualidade é dupla na sua expressão masculina e feminina. A sexualidade diferencia pessoas de igual dignidade e que vivem sua experiência de forma diferente.

A diferença não é apenas material, não é só das células, mas toda experiência da pessoa passa pela realidade de ser homem ou mulher.

O ser humano é profundamente marcado pela sexualidade, e este é um dos fatores que proporciona à vida de cada um os traços principais que o distingue dos demais. A sexualidade é a capacidade de viver de acordo com o próprio sexo, não podendo ser reduzido a uma coisa ou a um objeto. Ela faz parte da estrutura do ser da pessoa, está ligada à criatura na sua unitotalidade e como componente fundamental, exige respeito e aceitação. A sexualidade, portanto, não se liga apenas ao corpo ou ao próprio prazer, mas é uma riqueza da pessoa como um todo.

A sexualidade é o ponto de abertura, do encontro, do diálogo, da comunicação e da unidade das pessoas entre si, é sinal da pobreza e da riqueza da pessoa, chamada a amar e a ser amada, a dar e a receber.

A criança, partindo de uma situação de egocentrismo, abre-se, através de um crescimento gradual, à comunicação afetiva com os outros. Do confronto-diálogo com os pais, a criança consegue estruturar a própria personalidade e assumir a identidade de homem ou de mulher, e aí a sexualidade passa a ter uma função personalizante.

O homem e a mulher são, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Pelo fato de serem pessoas, possuem igual dignidade, que é necessária para existir entre ambos a possibilidade de encontro e de entendimento.

3.2 Sexualidade e Genitalidade.

Sexualidade e genitalidade dizem respeito ao ser humano que é, por si, sexuado. O homem, no desenvolver de suas capacidades corporais, cognitivas e espirituais, descobre-se como um ser portador de sexualidade, dono de uma força, de uma energia que o conduz para o encontro, consciente e livre, consigo e com o próximo. Sexualidade é o conjunto de fenômenos da vida sexuada de um homem e de uma mulher, que os auxilia na construção de seu eu. Em cada momento da vida, ela possui características próprias que vão se desenvolvendo desde o nascimento. Podemos dizer que a sexualidade é de base biológica, mas com dimensões sociais e culturais, de acordo com a realidade em que vivemos.

O documento Sexualidade humana: verdade e significado³ diz que "a sexualidade é um componente fundamental da personalidade, que é um modo de ser e de se manifestar, de se comunicar com os outros, de sentir e expressar o amor humano".

Não podemos esquecer que a sexualidade é uma dimensão do ser humano. Não podemos negar nem ignorar sua existência e, nem tão pouco reprimi-la ou desvalorizá-la. Tem que ser vivida intensamente, aceita, integrada e cultivada, de tal forma que enriqueça a personalidade, trazendo maturidade, comunicação, amor e prazer. A sexualidade abrange todos os componentes do ser humano. Está na unidade da pessoa; espalha-se pelo seu corpo, pelo amor pelo erotismo, pela comunicação e pela reprodução, daí podemos concluir que ela não é individual.

A sexualidade é uma energia, uma forma de sentir, de viver que influencia nossas ações e envolve sua personalidade, nossa maturidade física, psíquica e nossa formação pessoal. Ela vai se construindo ao longo da vida e é modificável, abrangendo relacionamentos, sentimentos, reflexões, aprendizagens, valores e decisões.

A relação sexual humana deve acontecer como expressão de amor. Se for feita sem amor, respeito e troca de energia, ficará centrada apenas no instinto, que busca o contato físico, imediato e inconseqüente; mas o amor busca a pessoa.

Sexo deve ser amor, ternura, intimidade casta prazerosa; é curtir a parte feminina ou masculina que nos falta. Infelizmente erotizamos o sexo, como se abuso dos órgãos sexuais fosse sexo saudável. Em nossa atual cultura, sexo tornou-se sinônimos de órgãos genitais ficou limitado à sua dimensão carnal, simplesmente libido. (Lopes, 2001, p.25).

“O impulso sexual não pode ser comparado simplesmente à necessidade de acasalamento, fazer sexo é uma expressão, uma troca, um desenvolvimento que liga uma pessoa à outra. Não s'á nivel sexual e físico, mas também mental, emocional e até mesmo espiritual”.

Quando sexo torna-se absoluto em vez de um complemento na vida de um homem, quando é reduzido à genitalidade, fica fácil esquecerem-se as dimensões sublimes da vida; o amor, ternura, afetividade, carinho e o respeito à dignidade do outro.

Atualmente, vivemos em uma sociedade nitidamente marcada por inventos tecnológicos atrelados à informação e à comunicação que trazem muitos benefícios à vida humana.

No entanto, é importante ressaltar que em certos momentos a mídia televisiva contribui fortemente para uma compreensão distorcida da sexualidade, uma vez que a corrida pela audiência faz com que as emissoras enxertem seus programas com propagandas eróticas e pornográficas. As cenas de sexo explícito em pleno horário nobre, que concentra a maioria de telespectadores, são apresentados com liberdade e sem inibições, visto que são aceitas passivamente, salvo raras exceções de alguns segmentos da sociedade. Isto acontece porque estamos vivendo a era da liberdade de expressões, sem qualquer restrição à subjetividade, não importando se esta ou aquela seja tendenciosa à pornografia ou não, desde que seja agradável aos seus consumidores.

Todas essas exibições televisivas têm incentivado a prática do sexo, precoce e despreparado, pelos adolescentes, o que pode promover um índice mais alto de gravidez indesejada e de casos de doenças sexualmente transmissíveis.

Diante dessa realidade, o elemento principal incutido na relação sexual- o amor- não é levado em conta. Atualmente faz-se sexo por “brincadeira”, não respeitando os sentimentos envolvidos na relação, pois o que importa é a satisfação pessoal/carnal. Difunde-se a cultura do prazer e do sexo livre.

Na sociedade atual, respira-se com grande veemência o ar do erotismo e convive-se num ambiente de extrema sensualidade. Sente-se, vê-se e escuta-se a erotização do sexo. O corpo, principalmente o da mulher, é exposto em toda e qualquer propaganda dos mais variados produtos de consumo: bebidas, moda, carros, alimentos e outros, sendo visto como produto atraente, de grande aceitação e lucro rentável, denegrando e desrespeitando a personalidade humana.

Castanho, 2002, acrescenta que em relação a esse perfil de sexualidade que foi tecido pela sociedade, percebe e analisa as conseqüências desse fato: (Castanho, 2002, p.19).

“Neste quadro de exacerbado erotismo, parece-nos meramente hipocrisia e gritaria geral contra as agressões e violências sexuais a criança e mulher. Se a própria mulher faz questão de se despir, mostrando todos seus atributos de sua feminilidade, nas praças, nas praias e nas passarelas dos grandes estilistas, não convencem a cobrança dos grandes desvios dos comportamentos de pedófilos e estupradores”.

A sexualidade, nesse aspecto em que existe análise ética dos comportamentos sexuais, passa a ser um canal para a desestruturação psico-emocional, insegurança de personalidade, falta de respeito e descompromisso com as obrigações morais e éticas. Quando a pessoa não é capaz de controlar seus impulsos, as suas ações tornam-se inconstantes e irresponsáveis, não só no sentido de deveres, mas também com relação a própria identidade, que pode ser marcada por perturbações e desequilíbrios psico-emocionais.

Pode-se ainda dizer que a distorção da sexualidade gera conseqüências catastróficas e até mesmo irreversíveis ao ser humano. Na área psicológica, cria-se a baixa auto-estima, a frustração, o vazio existencial. Na área espiritual, geram-se culpas, a condenação, a falta de perdão. Na área social, surgem problemas como a prostituição, a marginalização, a pornografia e na área física destaca-se as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada.

A sexualidade humana é, deve ser inicialmente direcionada para a vida e para sua dignidade, deve ser encarada com serenidade e segurança, pois ela tem uma dimensão totalizante do ser humano. Sobre esse aspecto, Nunes (2001), expressa-se com ênfase e firmeza, mostrando a real singeleza da sexualidade humana: (Nunes, 2001, p.13).

“A sexualidade é a própria marca da condição humana. A pessoa tem uma condição de sexualidade com um valor antológico, que define como ser humano, por isso, ela não é uma preparação mecânica, não é uma preparação biológica. Ela tem que ser um sujeito, com estima, com ternura, com beleza, com envolvimento e com responsabilidade ética”.

CAPÍTULO IV

A ESCOLA E A EDUCAÇÃO SEXUAL.

4.1. Vivências de uma experiência de trabalho sobre sexualidade em sala de aula

Para trabalhar com a temática da sexualidade tive que ser bastante cautelosa e paciente com os meus alunos. São apenas sete, com idades entre nove e quatorze anos e aparentemente nunca havia estudado esse assunto na escola de forma mais aberta e sincera.

Pude observar que eles ^{eram} bastante envergonhados e tímidos quando perguntavam ^{de} sobre sexualidade e fingiam indiferença com o assunto, como se aquilo pouco ^{os} interessasse.

Em uma das atividades, solicitei aos menores que desenhasse ^o um corpo de uma menina nua e destacassem todas suas partes e também ^{as} meninas. Enquanto desenhavam davam risadas e perguntava ^{se} eu realmente queria que colocasse ^o 'tudo' como se aquilo fosse algo indecente e vergonhoso. Tentei esclarecê-los enfatizando sempre que devemos conhecer bem o nosso corpo, cuidar dele com muito carinho e respeito e nunca nos envergonharmos dele.

Durante o estudo, observamos bem as diferenças entre os corpos dos meninos e das meninas e com relação aos órgãos sexuais, fizemos uma relação ^{entre} os apelidos e os nomes científicos, o que os deixou com os rostos bem coradinhos.

Confesso que em alguns momentos, também fiquei um pouco envergonhada, pois falar em sexualidade ainda é algo que constrange tanto alunos como professores, mas consegui continuar sem que eles percebessem.

As aulas aconteceram na escola e as atividades foram desenvolvidas através de leitura de texto, músicas, poemas, exploração de cartazes, desenho e colagens, produções textuais, jogos de perguntas e respostas, montagem de álbum com a linha do tempo, muito diálogo. Os recursos utilizados foram os mais simples, tais como: Cartolina,

pincel, revistas, livros, tesouras, papel, quadro negro, giz, cartazes e fotos, pois a escola não dispõe de recursos favoráveis à realização de outras atividades.

Os assuntos abordados dentro de temática da sexualidade foram relacionadas a infância e a adolescência, onde foram enfatizadas questões como: as diferenças entre meninos e meninas, as brincadeiras de cada um, os papéis sexuais presentes nas nossas vidas, relatos de acontecimentos que marcaram nossa infância, o que é a adolescência, aspectos negativos e positivos da adolescência, os hormônios sexuais e suas funções, os pontos comuns que incomodam os adolescentes, o que os adolescentes mais gostam de fazer, os limites impostos pela família e pela sociedade, as relações sexuais, DSTs, gravidez, cuidados com higiene, o que é fundamental para ter uma boa saúde, namoro, casamento e amor.

A reação dos alunos diante dessas questões foi satisfatória, pois, apesar de inicialmente ficarem envergonhados e até mesmo indiferentes, tentei cativá-los e aos poucos eles se envolveram e participaram efetivamente das aulas, tornando-as mais agradáveis e proveitosas.

Vivenciar essa experiência em minha prática pedagógica possibilitou-me partilhar conhecimentos importantes, assim como colaborar com a educação sexual desses discentes.

Esse trabalho reforçou ainda mais ~~com~~ a necessidade de se trabalhar essa temática nas instituições de ensino fundamental em nosso país. Nossos alunos ainda estão muitos inibidos e tratar desse tema em conjunto com os professores, que por sua vez, não estão devidamente preparados para trabalharem sobre o assunto com segurança, naturalidade e clareza.

Sabemos que:

“A ausência de uma fala natural sobre a sexualidade, tanto dos pais como dos professores, vai gerar na criança a “ansiedade” de saber que a fará buscar em outras fontes, nem sempre as mais recomendáveis”.

(Lúcia Maria, 2009, p. 33)

Portanto, faz-se extremamente necessário levar a sério o estudo da sexualidade nas escolas, capacitando os professores para que estes, em conjunto com as famílias, possam realizar um trabalho de esclarecimentos para os alunos, e desenvolveram uma educação mais ampla, livre de tabus e formadora de cidadãos conscientes e capazes de vivenciar uma sexualidade saudável.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Objetivo principal deste trabalho é conhecer a forma como a educação sexual chega até os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Regina Leopoldina da Conceição. A referida escola que está localizada no sítio Fortuna, Jericó-PB, funciona em período integral sendo, pela manhã, atendidas crianças do pré-escolar, primeira e segunda séries do ensino fundamental; pela tarde crianças de terceira e quarta séries e à noite, Educação de jovens e adultos. A escola dispõe, portanto, de seis professores, sendo quatro, do ensino fundamental, a quem este trabalho é direcionado. Além dos seis professores, a escola dispõe de cinco auxiliares de serviço, totalizando onze funcionários.

A escola possui três salas de aula, um banheiro e uma cozinha. O material de trabalho na escola é insuficiente, deixando muito a desejar.

Sendo este um trabalho de investigação, foi realizado a partir de relatos dos professores visando sondar o grau de conhecimento que estes detêm acerca do tema proposto.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário de dez questões, sendo sete objetivas e três subjetivas, as quais foram respondidas pelos professores.

A análise dos dados investigados abrangeu os seguintes aspectos: 1) O nível de formação dos professores; 2) Seu tempo de serviço; 3) Se o tema sexualidade já foi ou é ^{abordado} obrigada na sala de aula; 4) Se os professores já tiveram alguma preparação para trabalharem o tema com os seus alunos; 5) Como os professores obtêm informações a respeito da sexualidade; 6) Se as discussões sobre sexualidade ocorrem no interior de suas famílias; 7) A reação dos professores, quando surpreendidos por algum aluno que pergunta sobre sexualidade; 8) Como os professores encaram a questão da sexualidade no ambiente escolar; 9) Que alternativas os professores apontariam para melhor trabalharem o tema na escola; 10) Os benefícios que esse trabalho traria para a sociedade.

A partir da pesquisa realizada foi possível constatar que os professores nunca receberam uma formação específica para trabalharem com a temática, embora já tenham abordado o tema em suas aulas, valendo-se dos conhecimentos adquiridos no dia-a-dia, através de conversas informais com outros professores durante os planejamentos didáticos e através de leituras de livros que falam a respeito da sexualidade.

Agindo dessa forma, os professores acabam transmitindo seus próprios conhecimentos que estão carregados de elementos não científicos, como o conjunto de valores, conceitos e até mesmo preconceitos sobre o tema imprimindo-os em seus alunos.

CONCLUSÃO

A sexualidade é inerente ao ser humano e está presente em todos os atos da vida do indivíduo, expressando-se com singularidade em cada sujeito, seja nos gestos, comportamentos ou ações.

A educação sexual na escola é necessária porque os alunos, em todas as faixas etárias expressam sua sexualidade e conversam sobre relações sexuais. Todavia, a maioria das informações que os discentes trocam entre si, são incompletas e, muitas vezes, erradas e preconceituosas. Portanto, entende-se, se os jovens forem bem informados, iniciarão sua vida sexual com mais responsabilidade. Na escola qualquer discussão envolvendo educação sexual deve abordar, além das DSTs e AIDS e os métodos contraceptivos, e auto-estima, a afetividade, a respeito da individualidade do outro, tornando-se o cuidado de partir sempre do interesse dos alunos.

Convém ainda lembrar que a educação sexual oferecida na escola não vai substituir aquela oferecida no seio da família, pois esta continua a ser uma referência importantíssima na vida dos jovens, pois com o estímulo dos pais, aprenderão que o amor é o princípio da felicidade; é difícil, mas possível.

Em se tratando da escola pesquisada, a escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos crenças e atitudes existentes na sociedade. A escola deve proporcionar atividades e discussões envolvendo temas como: namoro, amizade, "ficar", sexualidade e erotismo, relação entre pais e filhos, questões éticas e morais, casamento e constituição familiar, paternidade responsável, uso de drogas, violência e outros.

Discutir a sexualidade na escola é fundamental para que os educandos se sintam mais seguros e confiantes em suas vivências. Discutindo, pesquisando, analisando e debatendo na sala de aula, poderão ter melhor discernimento e escolher o que acharem melhor para suas vidas.

Sendo a escola um lugar tão importante na vida social dos adolescentes, os pais devem juntar-se a ela, pois além dos conhecimentos adquiridos nessa instituição, as relações

afetivas desempenham um papel fundamental no amadurecimento pessoal, na definição profissional e elaboração de opiniões e de modos de ver o mundo.

É muito importante que o educador, ao introduzir esse tema em sala de aula, tenha uma compreensão bastante clara sobre o assunto a fim de evitar eventuais constrangimentos. Para isso é necessário que o educador tenha acesso a formação específica, para então se sentir capaz de tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura consciente na discussão desse tema.

Os professores devem receber uma preparação que lhes propiciem a reflexão sobre os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, para que possam reconhecer e considerar valores e comportamentos diferentes dos seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate, sem a imposição de valores específicos, garantindo respeito às diferenças que venham a existir, e a participação de todos sem discriminação entre as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARESI, Albino. Homem total: Dinamismo, educação, desajuste; e parapsicologia. 9 ed. São Paulo: Loyola, 1975.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRUSCHINI, Cristina & Costa, Albertina de Oliveira, entre a virtude e o pecado – Rio de Janeiro: Rosa do Tempo; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

GANDRA, Fernanda Rodrigues Et. al. O dia-a-dia do Professor: Adolescência: afetividade, sexualidade e drogas. Belo Horizonte, editora: FAPI, 2002.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas (tradução de Magda Lopes – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 – (biblioteca básica).

NUNES, César. A Educação Sexual da Criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. – Campinas, SP: Autores Associados, 2000. – (Coleção Polêmica do Nosso Tempo).

SUPLICY, Marta et al. Educação e Orientação Sexual. In. Ribeiro, Novas Idéias: novas conquistas. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.

TIBA, Içami. Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 1994.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS CONSULTADAS

http://www.crmarioovos.sp.gov.br/pdf/ideias_29_p06L071_e.pdf - em 22/07/2006

<http://www.cecra.org.br/banco/sexualidadel.htm> - em 06 de julho de 2006.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

QUESTIONÁRIO

Cara professora, este questionário tem como objetivo analisar dados e informações referentes à educação sexual na escola, e será utilizado apenas para fins acadêmicos.

1) Qual o seu nível de formação?

- | | |
|---|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental | <input type="checkbox"/> Pedagógico |
| <input type="checkbox"/> Médio Profissionalizante | <input type="checkbox"/> Logos II |
| <input type="checkbox"/> Superior Incompleto | <input type="checkbox"/> Superior |

2) Qual o seu tempo de serviço?

- | | |
|---------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> 05 a 10 anos | <input type="checkbox"/> 15 a 20 anos |
| <input type="checkbox"/> 10 a 15 anos | <input type="checkbox"/> mais de 20 anos |

3) Você já abordou ou aborda o tema *sexualidade* na sala de aula?

- sim não às vezes

Justifique _____

4) Os professores já tiveram alguma preparação para trabalharem o tema com seus alunos?

- sim não
 De que forma?

5) Como os professores obtêm informações a respeito desse assunto?

- lendo livros sobre sexualidade
 lendo apenas reportagens de revistas
 nas conversas entre professores
 nunca leu nada sobre assunto

6) As discussões sobre *sexualidade* ocorrem no interior de sua família?

- sempre raramente jamais

7) Como você reage quando surpreendida por um aluno que pergunta sobre *sexualidade*?

- () mudo de assunto
- () respondo com mentirinhas
- () fico com tanta vergonha que fico muda
- () respondo com a verdade, usando uma linguagem apropriada à faixa etária do aluno

8) Como você encara a questão da *sexualidade* no ambiente escolar?

9) Que alternativas você apontaria para que esse tema fosse bem trabalhado no ambiente escolar?

10) Na sua opinião, que benefícios esse trabalho traria para a sociedade?
